

RESUMO - PATOLOGIA DE ANIMAIS SELVAGENS

ACHADOS NECROSCÓPICOS E HISTOPATOLÓGICOS EM BUGIOS (ALOUATTA SPP.) INFECTADOS COM O VÍRUS DA FEBRE AMARELA (VFA) E SUBMETIDOS À ANÁLISE VIROLÓGICA NO SUL BRASILEIRO

Raffaela Serrano (raffaelaaserrano@gmail.com)

Heloísa Machado Dos Santos (heloisasantos10@outlook.com)

Bruna Andrade Camacho (bru.camacho12@gmail.com)

Bianca Mendonça Camilo (biancamcamilo26@gmail.com)

Silmara Santos Lazzaretti (silmaraslazzaretti@gmail.com)

Maylon César Toledo Maurílio (maylonmaurilioufsc@gmail.com)

Francielli Cordeiro Zimmermann (francielli.zimmermann@ufsc.br)

Adriano Tony Ramos (adrianotony@yahoo.com.br)

A febre amarela (FA) é uma doença viral aguda, que acomete humanos e primatas não humanos (PNH), causada pelo vírus da febre amarela (VFA), também conhecido como vírus-amarílico. Embora exista uma vacina segura, a FA ainda apresenta relevante morbidade e mortalidade no contexto de saúde pública nas Américas e na África (Silva, 2020). A doença é uma arbovirose que apresenta dois possíveis ciclos: um urbano, que abrange a população humana, cuja transmissão é dada por mosquitos do gênero *Aedes*, e um silvestre, transmitido por mosquitos diurnos dos gêneros *Sabethes* e *Haemagogus*, cujas principais vítimas e reservatórios do vírus são PNH silvestres (Fernandes, 2021). No Brasil, a FA é uma doença de caráter sazonal, mais prevalente no

verão, quando os fatores ambientais propiciam o aumento da abundância dos vetores (Fialho, 2012). De acordo com Leal (2012), os bugios (*Alouatta* spp.) apresentam grande sensibilidade ao vírus, uma vez que em exposição a doses infectantes mínimas do vírus, desenvolvem infecção fulminante e letal. Conforme Fernandes (2021), essa gravidade dos casos em bugios pode estar relacionada ao desenvolvimento de hepatite necrosante com presença de corpos apoptóticos nos animais infectados, porém ainda carece de estudos mais detalhados. O objetivo deste trabalho consiste em relatar três casos de infecção viral pelo VFA (Flaviviridae) e seus achados histopatológicos em bugios no Sul brasileiro. Relatou-se que todos os animais foram encontrados mortos em seus respectivos habitats, sendo dois machos e uma fêmea. A equipe do Laboratório de Patologia Veterinária (LABOPAVE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi contatada para a realização das necropsias. Uma delas ocorreu no local em que o animal foi encontrado. Nas análises macroscópicas, observou-se icterícia disseminada, necrose e congestão, alterações sugestivas da doença, todavia, os cadáveres já demonstravam avançada autólise, caracterizando os achados como inespecíficos. Amostras foram coletadas e encaminhadas para histopatologia e ao Laboratório Central de Saúde Pública de Santa Catarina (LACEN/SC), para avaliação virológica, a qual demonstrou resultados positivos para a FA. Nas análises histopatológicas, foram observados colestase e presença de infiltrado inflamatório mononuclear, além de área necrótica e com corpúsculos de Councilman no fígado. Encontrou-se também edema cerebral, congestão em região perivascular encefálica e neurônios necróticos. Dessa forma, associando-se a suscetibilidade do gênero *Alouatta*, os achados patológicos e o exame virológico, concluiu-se o diagnóstico de FA como sendo a provável causa do óbito dos animais. Segundo Leal (2012), o VFA apresenta viscerotropismo hepático, relacionado também às células de Kupffer, assim como neurotropismo, que resulta em encefalite. A somatória das lesões levam a quadros que, unidos às demais consequências da virulência do agente causador, resultam em febre aguda e subsequente quadro icterico-hemorrágico. Comumente, os animais vão a óbito por insuficiência hepatática e renal, coagulação intravascular disseminada em vista da lesão vascular, seguido de hipóxia e apoptose (Oliveira, 2020). É fundamental salientar que a FA é de potencial zoonótico, sendo altamente relevante para a saúde única.

Palavras-chave: arbovírus; flavivírus; hepatotropismo; primatas do novo mundo; zoonose.

